

Um Sonho Feli

Luís Novo

...Z



821.134.3
- 1 << 19 >>
NOV.

ilustração: Sónia Honório



Sónia Honório nasceu em Alhos Vedros em 1975. Licenciada em Pintura, existe nos dias entre várias artes e a família. Conta com algumas exposições individuais e colectivas. A revista e Associação Palavra em Mutação têm a sua colaboração permanente.

20100

Para a Clara e para todas as crianças.

821.134.3-1<<19>> NOV.

ficha técnica:

Um Sonho Feliz

Autor: Luís Novo

Composição Gráfica: Sónia Teixeira e Castro

Ilstrações: Sónia Honório

Edição: Autor & Palavra em Mutação

Apoio Técnico: Palavra em Mutação

Rua de Belomonte, 95 cave

4050 - 098 Porto

palavraemmutacao@clix.pt

Impressão: APPACDM, Braga

ISBN: 972-8841-03-5

Depósito Legal: 206669/04

Ano: 2004

Um sonho feliz

Luis Novo



N.º 7496



– Pai, procura música romântica – disse a Clara,
sentada e
toda refastelada no meio do banco de trás.

Esta música está cheia de *romantismo*, filha!
É uma canção bonita do tempo da
Revolução de Abril.

– Mas houve alguma revolução em Abril, pai?
Sim, quando eu tinha dezoito anos.
O dobro da tua idade.
Foi a segunda coisa mais bonita da minha vida.
A primeira, e a melhor de todas,
foi tu teres nascido.

– Oh pai... e eu nasci em Abril.
Pois.

– E que revolução foi essa?
Conta-me.

– Foi por causa da Política
e por causa da Guerra.

Acabaram com o Governo dos presidentes
que mandavam em Portugal.

– Como foi, pai? Prenderam os presidentes?



Eu explico-te.

Sabes, Clara, no tempo dos reis, na Monarquia, o rei fazia tudo o que queria, quase, podia fazer aquilo que lhe apetecia e ninguém fazia mal nenhum ao rei, porque estava protegido pelos guardas armados à porta do castelo e dentro do palácio real.

Os guardas estavam lá para defender o rei.

Mas os guardas, os valentes soldados do reino,
se um dia resolvessem revoltar-se contra o rei,
se deixassem de o proteger
ou se ficassem contra ele
por não concordarem com a política do rei,
com as decisões do rei,
o rei,
deixava de ser rei e tinha que fugir,
para longe,
se não quisesse ser preso pelos guardas,
ou ser atacado pelo povo.

– E ficavam os guardas a mandar, pai?
Talvez.

Só que já não havia reis.

Portugal era uma República e quem mandava era o Presidente. E em vez de guardas do castelo, havia militares, muitos, que eram os soldados do exército. Era um tempo de guerra por causa das terras portuguesas em África.

Angola, Moçambique, Guiné e outros territórios, países, que queriam ser independentes, governarem-se eles sozinhos, sem serem os portugueses a mandar nas terras que eram deles.

Como em Timor há poucos anos atrás.
Lembras-te?

Morriam em combate muitos soldados jovens e o teu pai estava quase a ir para a tropa. Aos vinte anos de idade os rapazes eram obrigados a ir para a tropa, ou então fugiam para a França, alguns, quando estava quase a chegar a idade, e depois nunca mais podiam voltar, e ficavam afastados das famílias.

Os militares, os capitães, que eram os que *mandavam* nos soldados durante os combates no *mato* e que também eram obrigados a andar no meio dos tiros, revoltaram-se e prenderam os presidentes de Portugal:

- o Presidente da República e
- o Presidente do Conselho de Ministros.

— Só por causa da guerra, pai?
Não! As pessoas viviam cheias de medo.
Não havia liberdade
de se poder dizer o que se pensava,
de se poder falar, ou escrever,
não se podia ler os livros que se queria...
olha, a música que ouvimos,
a que estava a dar no rádio
quando começámos esta conversa,
e que se chama
— *Trova do vento que passa* —
era proibida.



As pessoas nem sequer
podiam ouvir a música que queriam!
– E as mulheres andavam na rua tapadas, pai?
Não, mas se calhar,
olha que não eram lá muito bem vistas
quando vestiam...
mini-saia.
– Que seca!

Havia muita pobreza e muita repressão, Clara.
– O que é isso?
Tudo o que as pessoas faziam era vigiado,
controlado, censurado...
– O que é censurado?

Olha, um jornal ou um livro
que não dissesse bem
daquela política e daqueles presidentes,
não podia estar à venda,
era logo queimado,
e quem tivesse esses jornais em casa,
livros ou discos proibidos,
ia preso quando fosse descoberto.



– Como é que as pessoas eram descobertas,
pai?

Havia muitos colaboradores da polícia política que defendia o Estado.



Disfarçados.

Sem ninguém desconfiar nada deles.

– Faziam queixa, pai?

Sim. Acusavam.

– Que horror!

Era uma ditadura, filha.

Só havia um partido político.

E a polícia política era a *PIDE*,
para defender o Estado.

Como os guardas do castelo do rei!



Mas numa madrugada de Abril,
os soldados
comandados pelos capitães de vários quartéis,
uniram-se e
resolveram ir a Lisboa,
com os carros de combate,
até ao Terreiro do Paço,
para prender os presidentes
e libertar todos os portugueses.



O povo, as pessoas,
as que viviam nas grandes cidades,
quando souberam disso, vieram para a rua,
para as praças, no centro das cidades,
ainda um bocado assustadas,
mas gritavam,
de braço no ar,
— *Viva a Revolução* —
e os militares
sentiram-se ainda mais corajosos.

A televisão, que antes da revolução
não podia dar as notícias que queria
porque a censura não deixava,
nesse dia
começou a dar informações
e imagens daquela alegria.

E uma senhora
que vendia flores na rua,
quando os soldados passavam,
de tão contente que ela estava,
punha cravos vermelhos
no buraco do cano das espingardas deles.

As armas de guerra,
em vez de balas,
parecia que disparavam cravos e outras flores,
e foi assim que ficou conhecida pela
Revolução dos Cravos.

– Gostei desta história, pai.
Esta revolução faz parte da História de
Portugal.

E no domingo é dia de eleições para os
Presidentes da Câmara.

São eleições livres,

e eu vou votar em quem quiser,

mas antes do dia 25 de Abril de 1974,

não havia eleições livres,

não havia partidos políticos,

não havia Democracia...

– Que sorte, pai! Eu nasci no dia 29 de Abril.

Sim, filha,

mas nasceste dezoito anos depois da Revolução.

– Dezoito anos?...



– Põe mais alto, pai.

Estiquei o braço e rodei o botão do som.
Era música italiana. Calma e leve, romântica,
como ela gosta.

Ao passar a portagem olhei pelo *retrovisor*
e a Clara dormia.

Depois, na cidade,
ao descer a avenida,
com a luz da iluminação do Natal
a entrar pelos vidros do carro,
pareceu-me ver que ela estava a ter...

Um Sonho Feliz.

Eu também!



LUÍS NOVO, docente nos domínios da Filosofia e Psicologia, é Formador de Professores e Licenciado em Filosofia pela Universidade do Porto. Membro da Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto, tem textos para crianças e trabalhos de reflexão pedagógica publicados em diversos jornais e revistas, e excertos em Manuais Escolares. É autor de várias obras literárias e dos livros de literatura infantil



ONZE CONTOS PARA CRIANÇAS
O SONHO DO SOL
SEIS HISTÓRIAS PARA LER OU OUVIR
SOL NASCENTE
A BONECA do LAGO

editados pela APPACDM de Braga, que incluem os títulos

Estávamos no Mês de Março
As Calças D'Alças Azuis
Mestre Hilário
O Ratorrã e a Traco-Sapeira
A Zangada Carolina
O Grilo Gritor
Começou pela Mankã
O Casaco de Casca de Pêssego
O Senhor Garnisê
Bartolomeu Xerife Zorlho
O Guarda Banana
O Sonho do Sol
O Carro Espada
Uma Casa de Botão
Brinquedos a Brincar
Lágrimas de Flor
Uma Volta ao Mundo
Dois Trinca-Espinhos
O Sapato da Moçaldã
Sol Nascente
A Boneca do Lago

"...histórias para crianças, onde a imaginação fervilha numa escrita que balança entre a prosa e a poesia... histórias de leitura desarmante, à toada das lengalengas, criativa, imaginosa, como que a querer agarrar o leitor..."

O povo, as pessoas,
quando souberam, vieram para a rua
(...)
gritavam de braço no ar
- *Viva a Liberdade* -

PM



Pátrias coloridas.